

Estrela
de Papel



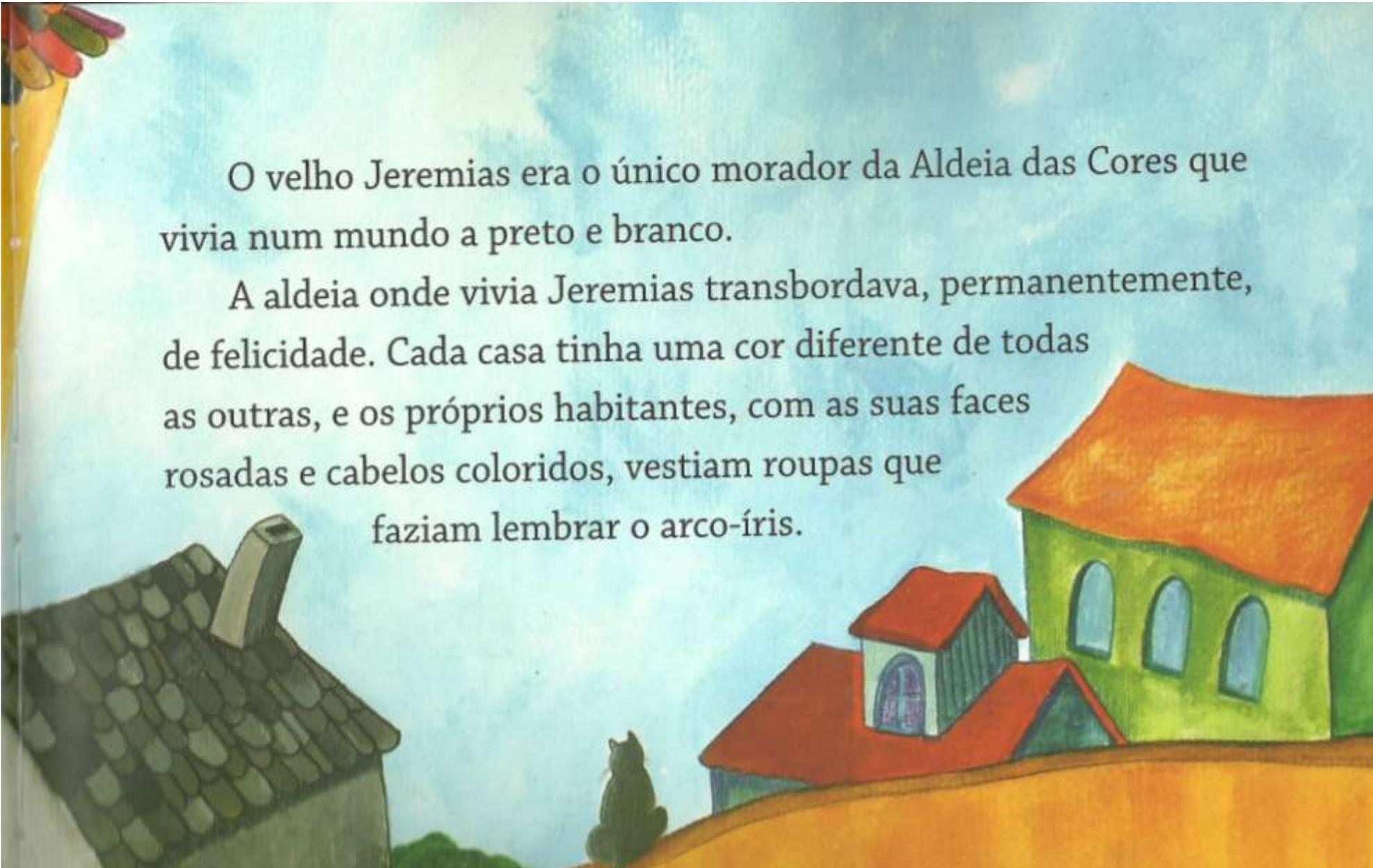
Coletânea



O Velho a preto e branco e branco na Aldeia das Cores

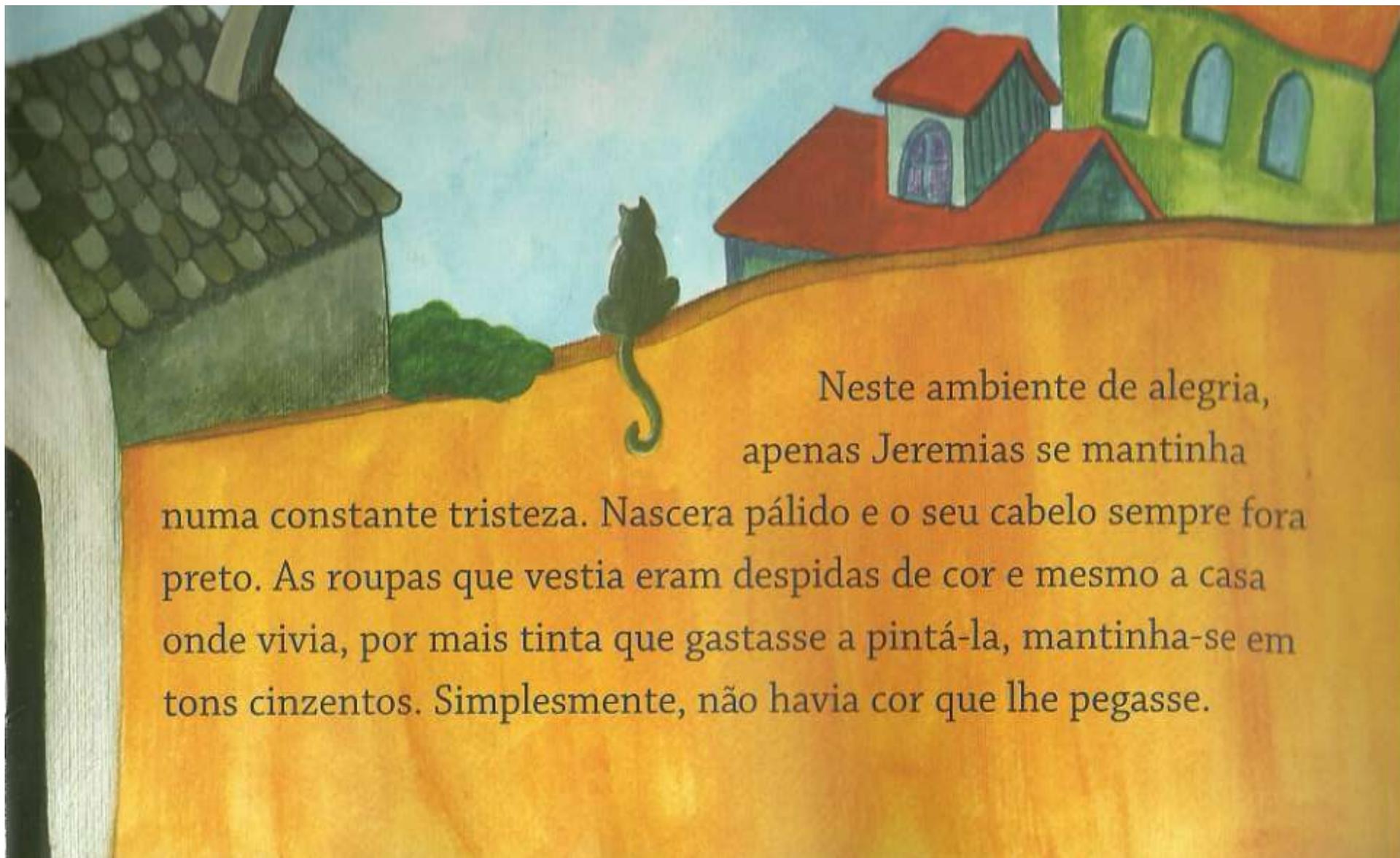






O velho Jeremias era o único morador da Aldeia das Cores que vivia num mundo a preto e branco.

A aldeia onde vivia Jeremias transbordava, permanentemente, de felicidade. Cada casa tinha uma cor diferente de todas as outras, e os próprios habitantes, com as suas faces rosadas e cabelos coloridos, vestiam roupas que faziam lembrar o arco-íris.



Neste ambiente de alegria, apenas Jeremias se mantinha numa constante tristeza. Nascera pálido e o seu cabelo sempre fora preto. As roupas que vestia eram despidas de cor e mesmo a casa onde vivia, por mais tinta que gastasse a pintá-la, mantinha-se em tons cinzentos. Simplesmente, não havia cor que lhe pegasse.

Para agravar a infelicidade de Jeremias, todos os outros habitantes da Aldeia das Cores o ignoravam e tratavam com desprezo. À sua passagem, os pais afastavam dele as crianças, e estas, quando se viam sozinhas, atiravam-lhe pedras e gritavam:



– Vai-te embora, ó velho sem cor!!!





Jeremias era, por isso, um homem só. Passava o tempo quase sempre fechado em casa, ou a tratar da pequena horta que lhe fornecia os alimentos, pois até as viagens à mercearia e ao mercado da aldeia eram, para ele, um sacrifício.



Certa manhã, a Aldeia das Cores foi acordada por gritos desesperados.

– Acudam, acudam! Há fogo na aldeia... – gritavam homens e mulheres, enquanto corriam de um lado para o outro, lançando o alerta.

Os habitantes da aldeia saíram todos à rua e depararam-se com um enorme incêndio, que ia consumindo casa a casa, num cenário de verdadeiro terror.

Homens, mulheres e crianças,
todos eles ajudavam no combate às
chamas. As mulheres enchiam os baldes
com a água do poço que abastecia a
aldeia, as crianças ajudavam-nas como
podiam e os homens faziam de tudo
para tentar apagar as chamas.



Lentamente, a aldeia foi perdendo as suas cores. A madeira das casas transformou-se em carvão. O rubor das peles e as cores garridas dos cabelos dos habitantes desapareceram por debaixo da sujidade das cinzas. E nas suas roupas já não se reconheciam as cores de outrora.

Ao fim de algumas horas, a aldeia perdeu todas as cores que haviam sido fonte de tanta alegria. Aos poucos, a população foi-se juntando. Uns e outros abraçavam-se e reconfortavam-se. No meio deles, Jeremias também recebia o afeto dos vizinhos, pela primeira vez na vida. Na verdade, ninguém reparava, sequer, em quem ele era.

Na hora da tragédia, as diferenças impostas pelas cores tinham-se esbatido. A aldeia era agora a preto e branco, como sempre fora o mundo de Jeremias.



Foi então que um dos homens reparou que a seu lado estava o velho que, tantas vezes, ostracizara.

– Que fazes tu aqui, homem? – perguntou.

Jeremias explicou que também a sua casa fora destruída pelas chamas.

– Só me restam estas roupas velhas que trago vestidas. De resto, perdi quase tudo, como vocês – disse.

A população ficou em silêncio, olhando aquele mundo a preto e branco. No seu íntimo temiam que, tal como o velho Jeremias, jamais conseguissem devolver as cores às suas casas.

Jeremias decidiu, por isso, tomar a palavra.

– Meus caros vizinhos, fosse eu para vós, como vocês foram para mim e fechar-vos-ia na cara a porta do meu mundo a preto e branco. Infelizmente, quis o fogo que ficássemos todos iguais. Mesmo sem esquecer como me trataram desde sempre, quero oferecer-me para vos ajudar a reerguer as vossas casas e dizer-vos que não desanimem.



Do meio da multidão ouviu-se, então, uma voz.

– Que raio de conversa esta! Eu cá vou procurar uma aldeia nova. Esta morreu. Não sobraram nem casas, nem roupas. Até o armazém, onde guardávamos as latas com tintas de todas as cores do mundo, o fogo devorou.

Os outros habitantes da aldeia acenaram com a cabeça, concordando com as palavras daquele vizinho. Todos estavam decididos a rumar para outras paragens. Afinal, aquele arsenal de tintas era o grande tesouro da Aldeia das Cores, agora perdido para sempre.



Jeremias sorriu ao observar a multidão. E retomou a palavra.

– Calma vizinhos, tenham calma. Não existe motivo para pensarem num futuro assim tão negro. Enterradas no meu quintal, tenho centenas de latas de tinta. Com elas tentei, durante anos e anos, dar alguma cor à minha velha casa, mas, como vocês sabem, tudo em mim se transforma em preto e branco. Terei todo o prazer em devolver-vos a felicidade, oferecendo-vos as minhas tintas.

Uma expressão de espanto invadiu as caras dos habitantes da aldeia. Do silêncio surgiu, de novo, uma voz.

– E o que vais pedir-nos em troca, velho?

Jeremias respondeu, de pronto:

– Nada. Por que haveria de pedir alguma coisa em troca?

Entre os populares trocaram-se olhares. Ninguém parecia compreender o motivo que levaria alguém a ajudar quem sempre o tratou mal, ainda por cima sem pedir nada em troca.

E Jeremias continuou:

– Se todos trabalharmos em conjunto e nos ajudarmos mutuamente, em breve teremos a felicidade de regresso à nossa aldeia e a cada um dos nossos lares. O que importa é que todos, sem exceção, usemos para o bem comum, os nossos talentos, as nossas ferramentas e a nossa sabedoria.



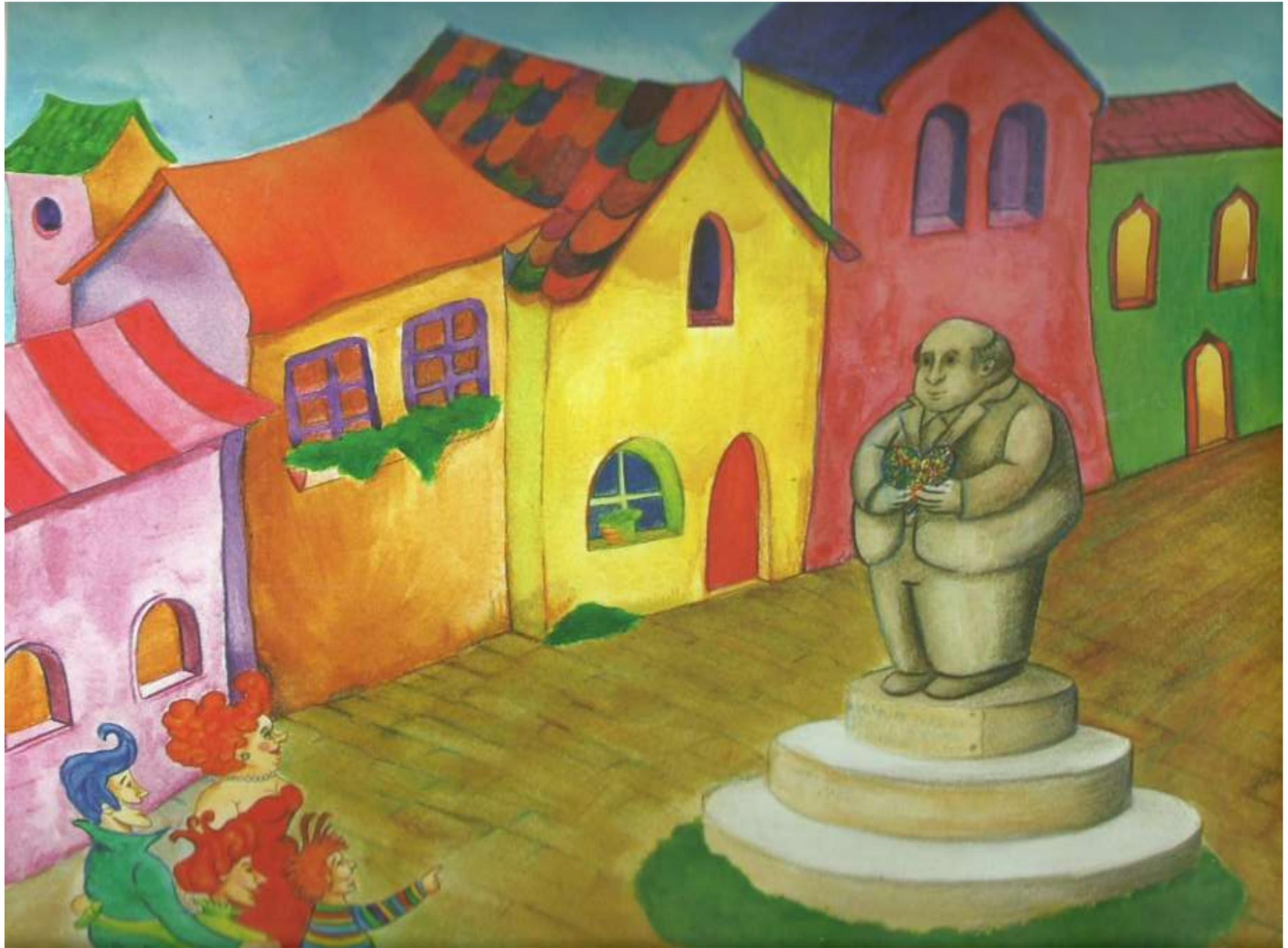


E foi assim, motivados pelo discurso e pelo contributo do velho Jeremias, que os habitantes da Aldeia das Cores arregaçaram as mangas e trabalharam dia e noite na reconstrução das suas casas, ajudando-se uns aos outros.



No dia da inauguração da aldeia, novamente radiante e plena de cor e felicidade, os habitantes decidiram organizar uma festa em honra do velho Jeremias. Para sua surpresa, ergueram-lhe uma estátua no centro da aldeia, em cuja placa se podia ler:

***Em homenagem a Jeremias,
um homem que guarda no peito
o mais colorido coração do mundo.***

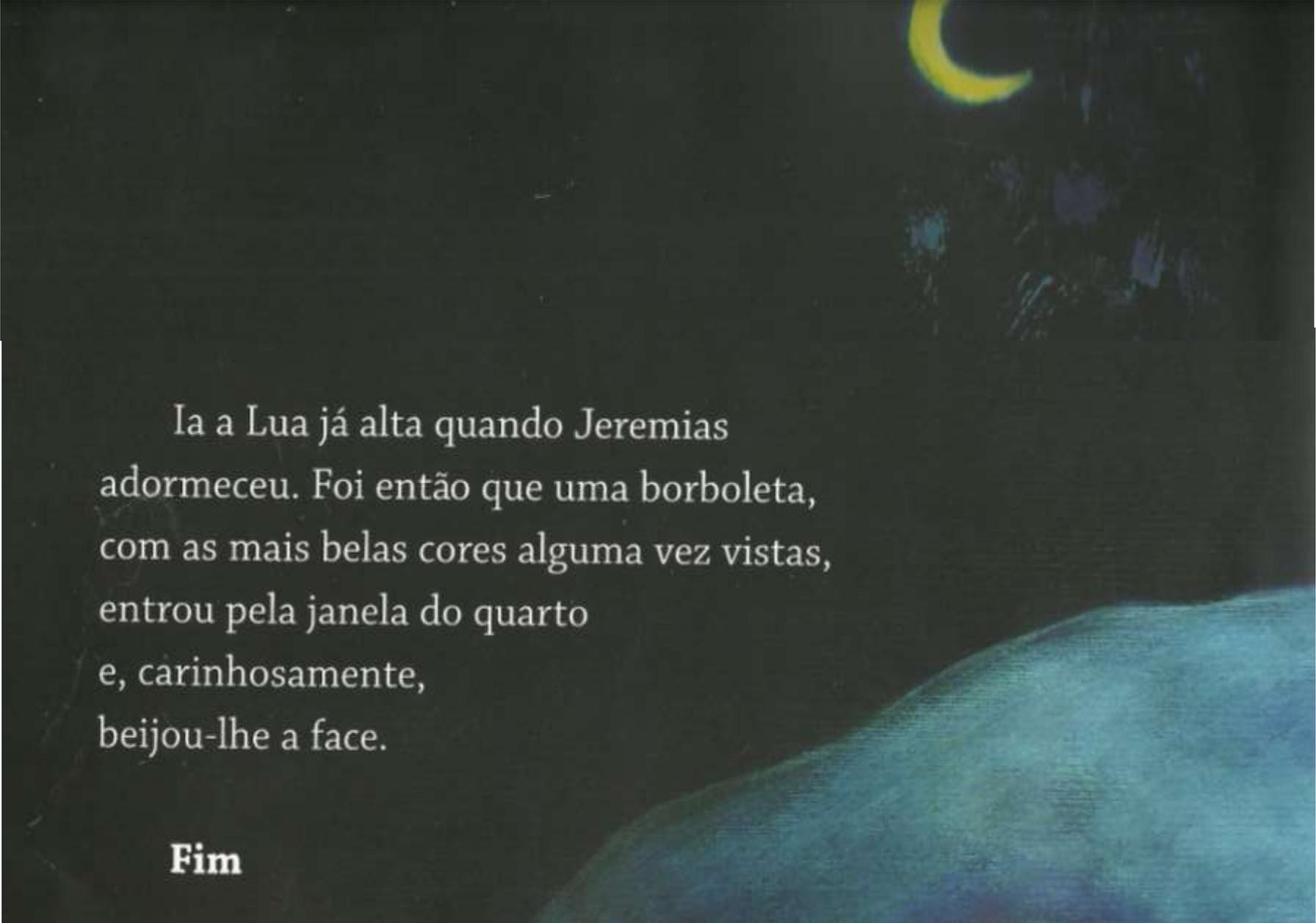




Jeremias emocionou-se. Recebeu abraços dos homens, beijos das mulheres e carícias das crianças.



Pela primeira vez na vida, sentia que os outros
não mais o julgariam pela aparência.



Ia a Lua já alta quando Jeremias
adormeceu. Foi então que uma borboleta,
com as mais belas cores alguma vez vistas,
entrou pela janela do quarto
e, carinhosamente,
beijou-lhe a face.

Fim